

desse poema, em confronto com o poema de Castro Alves em vida, "O Livro e a América". O soneto de Cyro Costa, "Segundo Milênio", também recebido nas mesmas condições, foi divulgado com grave erro em todas as publicações nacionais, inclusive oficiais, o que deu motivo a assinalarmos valioso elemento de identificação do poeta, além dos naturalmente contidos no próprio soneto.

O fato poético mais importante ocorrido neste livro é a publicação de uma trova de Auta de Souza que destacamos para comentário mais longo. Estamos na era atômica e não é estranho que a menor composição poética tenha sido a mais explosiva. Acreditamos haver conseguido demonstrar que essa trova é uma espécie de moeda divina, com cara e coroa: o valor poético e o valor espiritual. Análises dessa natureza, embora feitas no improviso do comentário jornalístico e apesar de nossas deficiências pessoais, parece-nos de grande interesse para os que desejam encarar o problema com seriedade. O mesmo se dá no caso dos poemas de Maria Dolores, composições poéticas de um tipo especial, geralmente relegados pela crítica literária como de segunda importância, mas nas quais encontramos elementos estéticos e intencionais que merecem maior atenção do ponto de vista espiritual.

Nesta hora em que as pesquisas parapsicológicas e até mesmo as pesquisas físicas corroboram, no mundo inteiro, os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, à revelia da vontade e da intenção dos pesquisadores, parece-nos de grande necessidade até mesmo as nossas desvaliosas tentativas de colocar o problema em evidência. Assim, esperamos ter cumprido o nosso dever, na medida de nossas possibilidades, procurando fazer jus à confiança de Emmanuel e de Chico Xavier. Quem dá o que pode não tem do que se envergonhar.

Emmanuel 1

## No Momento de Julgar

No momento de julgar alguém, como poderás julgar esse alguém, de todo, se não conheces tudo?

Terá sucedido um crime, estarrecendo a multidão.

Suponhamos que um homem desequilibrado haja posto uma bomba em certa casa, no intuito de destruir-lhe os moradores. Entretanto, por trás dele estão aqueles que fabricaram o engenho mortífero; os que o conservaram para utilização em momento oportuno; os outros que lhe identificaram o perigo, aprovando-lhe a existência; e aqueles outros ainda que, indiferentes, lhe acompanharam o fogo no estopim, sem a mínima disposição de apagá-lo.

De que maneira medirias o remorso do espírito de um homem assassinado, na hipótese desse mesmo assassinado haver provocado o seu contendor até que o antagonista lhe furtasse o corpo, num instante de insanidade? E como observarías o pesar do semelhante, às vezes, ilhado no fundo de uma penitenciária, na posição de um vivo-morto, quando o imaginado morto permanece vivo? E com que metro verificarias o sofrimento de um e outro?

Com que pancadas ou palavras agressivas conseguirias punir, durante algumas horas, a criatura menos feliz que já carrega em si o tormento da culpa, à feição de suplício que lhe atenaza o coração, noite e dia?

Ante a queda moral de alguém, é mais razoável entrarmos para logo no assunto, na condição de partícipes dela, antes que nos alcemos à indébita função de censores.



Não precisaríamos tanto de justiça, se não praticássemos a injustiça e nem tanto de medicina se não tivéssemos doença.

Necessitaríamos, porventura, na Terra, de tantas e tão multiplicadas lições, em torno do bem, se o mal não nos armasse riscos, quase que em todas as direções do Planeta?

E onde estão aqueles que estejam usufruindo a glória da instalação segura no bem, sem o prejuízo de algum mal, ou aqueles outros que atravessam os espinheiros do mal, sem a vantagem de algum bem?

No momento de julgar, peçamos a Inspiração da Providência Divina para os magistrados que as circunstâncias vestiram com a toga, a fim de que acertem, nas suas decisões, em louvor do equilíbrio geral, porquanto é tão delicado o encargo do juiz chamado a interferir no corpo da ordem social, quão difícil é a tarefa do cirurgião convocado a interferir no corpo físico.

E quanto a nós outros, os que não somos trazidos a sentenças de lei, já que não nos achamos compromissados para isso, usemos a sobriedade e a compaixão em todos os nossos processos de vivência pessoal no cotidiano, conscientes, quanto devemos estar, de que os justos são as âncoras dos injustos e de que os bons constituem a esperança para todos aqueles que a maldade ensandece.

No momento de julgar, ainda que te coloquem no último banco, entre os últimos réus, e mesmo que se te negue o direito de defender a própria consciência edificada e tranqüila, a ninguém condene, nem mesmo àqueles que, porventura, te condenem.

Usa sempre a misericórdia e acertarás.

Irmão Saulo 1

## O Túnel Mediúnico

Na hora em que a descoberta da antimatéria pela Física levanta a hipótese dos universos duplos, cientificamente elaborada, a imagem do túnel mediúnico reveste-se de maior expressão. Essa imagem é também uma elaboração científica, e por sinal do eminente físico inglês Sir Oliver Lodge que sustentou o seguinte: Vivemos num mundo só, num verdadeiro Universo, mas que deve ser compreendido como Uni-verso, dividido em duas partes. De um lado fica a planície dos Homens e do outro o planalto dos Espíritos. Dividindo as duas regiões ergue-se a montanha desconhecida.

A curiosidade humana é imensa e desde todos os tempos os homens vêm cavando e perfurando a base da montanha, no ansêio de ver o que existe do outro lado. Pouco a pouco um túnel foi sendo aberto. E de súbito os homens começaram a ouvir pancadas surdas que vinham ao seu encontro. São os moradores do planalto que, impelidos pela mesma curiosidade, perfuram também o seu túnel. Dia a dia as pancadas se tornam mais audíveis de lado a lado. As duas equipes se aproximam e chegamos no momento em que a abertura do túnel se torna iminente.

Essa imagem encontra o referendo atual da hipótese físico-astronômica dos Universos duplos. Isaac Asimov, em seu livro "O Universo", considerando que as partículas de antimatéria produzidas em laboratório explodem ao encontrar-se com partículas correspondentes de matéria, numa explosão dupla, em que as duas se desintegram, propõe a



existência de um elemento intermediário que ao mesmo tempo separa e liga os dois Universos. Esse elemento corresponde à teoria do fluido universal no Espiritismo, tendo as mesmas características genéticas, dinâmicas e funcionais desse fluido.

Por outro lado, essas características são as mesmas do perispírito, elemento procedente do fluido universal e que serve de ligação entre o espírito e o corpo, na constituição psicossomática do homem. E é graças a esse elemento intermediário que ocorrem os fenômenos mediúnicos, permitindo a comunicação dos Espíritos através de pessoas especialmente sensíveis, como no caso de Francisco Cândido Xavier. O túnel mediúnico se abre, assim, pelo duplo esforço dos médiuns e dos espíritos, no anseio recíproco de vencerem a morte e a separação, para atingirem a era cósmica da comunicação transespacial e transtemporal.

Nesse irrefreável e surdo processo, que se desenvolve nas profundezas do próprio homem, à revelia da sua cultura sensorial e portanto exterior, os Espíritos se mostram mais interessados no desenvolvimento moral da Humanidade Terrena. Isso porque a evolução intelectual do homem já o capacita para a integração na Humanidade Cósmica, que povoa os Universos duplos pelo Infinito. Essa a razão por que Chico Xavier, no seu trabalho psicográfico de mais de 40 anos, tendo publicado até agora 116 livros, além de milhares de mensagens — incursionando várias vezes pelo campo das Ciências — recebe maior quantidade de comunicações de natureza filosófica e moral.

Ricardo Gonçalves 2

## Até Breve, São Paulo

(Preparando a próxima reencarnação)

Torno a ver-te, São Paulo! A saudade suspira...  
Extasio-me à luz que te beija e revela...  
Para saudar-te a glória embalde tanjo a lyra  
Apagada e singela!...

O cafezal te apóia o vasto mundo novo,  
O asfalto, a indústria, a vida, o trabalho perfeito...  
O esplendor da cultura a engrandecer-te o povo  
Ilumina-me o peito...

Malhos vibram cantando... Alongam-se oficinas,  
Nas cidades de paz do teu chão de esmeralda,  
Cimentando o progresso a que te determinas,  
Ao céu que te engrinalda...

Quero abraçar-te, enfim... Venho beijar-te o solo  
E dizer-te, São Paulo, em prece enternecida,  
Que tornarei, feliz, à bênção de teu colo,  
Minha terra querida!...